

Facebook: identidade reiventada

Luciano Dias de Sousa¹
 Lucas Borcard Cancela²
 Marcos Antônio Pereira Coelho³
 Rodrigo Siqueira Câmara⁴
 João Vitor Ferreira de Assis⁵
 Stefany Reis Marquioli⁶

Resumo: Este artigo tem como objetivo fazer considerações a respeito das identidades apresentadas nas redes sociais, tomando-se como objeto analisar a construção do “eu” a partir de postagens que usuários disponibilizam na rede social *Facebook*, ambiente pródigo em signos que buscam dar sentido ao meio virtual, distinguindo-o do real. Para esse fim, recorreremos às teorias de identidade e pós- modernidade de Stuart Hall, Bauman, Guy Debord e Paula Sibilia. O *Facebook*, a rede social mais acessada no mundo, se consolidou atualmente como expressivo canal de comunicação, sendo palco de negociação de identidades e construção de percepções.

Palavras –chave: identidade; intimidade; redes sociais.

Introdução

Na década de 1960, Guy Debord, publicou sua teoria; então denominada “A sociedade do espetáculo”, denunciando um modelo de relação social entre pessoas mediadas por imagens. “Quando o mundo real se transforma em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico” (DEBORD, 1997, p. 18).

O espetáculo não é a realidade, mas ele se torna real e verdadeiro a partir de critérios de “verdade” estabelecido pela mídia. E exemplo claro desse poder é o padrão de beleza ou da

¹ Mestre em Cognição e Linguagem – Docente na UEMG – poesiaeci@gmail.com

² Mestrando em Sistema Computacional – Docente na UEMG - lucasbcancela@gmail.com

³ Mestre em Cognição e Linguagem – Docente na UEMG - marcos.coelho@uemg.br

⁴ Mestre em Psicologia – Docente na UEMG - rodrigoasd@bol.com.br

⁵ Aluno do Sistema de Informação na UEMG – poesiaeci@bol.com.br

⁶ Aluna de História – UEMG - sr.marquioli@bol.com.br

moda, o que aparece na mídia como padrão ideal acaba sendo imperativo de comportamento e de ordem social.

Nestas condições, a chegada da internet com suas redes sociais desencadeou o processo de exposição de pessoas e ideias na internet; estabelecendo conceitos, criando e recriando valores, e identidades.

O que define o sujeito dentro do ambiente virtual? Quais os parâmetros e categorias utilizadas para construção de um “eu” na internet? No tocante das relações construídas no mundo digital, as questões em torno da identidade parecem tomadas por uma realidade bem diferente das nossas relações construídas fora do ambiente virtual. A questão da identidade e da aceitação do indivíduo dentro da sociedade, ou de um grupo social, é um problema dos novos tempos e um objeto de estudo por vários teóricos contemporâneos.

No momento em que se cria um perfil virtual em qualquer uma das redes de relacionamento oferecidas pela internet, principalmente o *Facebook*, é comum se deparar com a questão de identificação, a imagem do “eu” deixou de ser uma exclusividade do plano real e foi absorvida pela rede dentro da nova cultura virtual.

Na ânsia de criar novos grupos com os quais vivencie o pertencimento e que possam facilitar a construção da identidade, afastando-se de instituições sociais que, de certa forma, aprisionam a sua liberdade de escolha, o homem desfruta desse pluralismo cultural característico do mundo moderno na infinidade de possibilidades oferecidas pelas recentes redes sociais. Essas redes sociais, propiciam a formação de grupos com interesse e identificação em relação aos temas mais diversos, desde questões profissionais, acadêmicas e de pesquisas, até aspectos culturais, estéticos, mercadológicos e triviais do cotidiano.

A partir dessa premissa, a presente pesquisa buscou realizar uma revisão bibliográfica a esse respeito e fazer considerações sobre alguns pontos quanto como às redes sociais, especificamente o *Facebook*, configuram-se na atualidade como um veículo de construção identitária e na formação de subjetividade na revelação da intimidade.

1. A questão da identidade

Houve um tempo em que as identidades eram dadas com o nascimento, registro documentado. A mobilidade social não era uma realidade para todos e assim, as pessoas

nasciam e morriam com uma instância que poderíamos classificar como aparentemente fixa. Suas relações sociais se estendiam ao familiares, bairro e cidade.

Stuart Hall oferece um histórico de importantes momentos pelos quais passaram as concepções identitárias, vamos destacar dois. O primeiro deles situa-se na perspectiva aparentemente rígida que já aparecia no Iluminismo, quando vigorava uma concepção de indivíduo totalmente centrado e unificado. “Consistiria em um núcleo interior que emergia pela primeira vez com o nascimento do sujeito e desabrochava com ele, permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou idêntico” (HALL, 2006, p. 11).

Essa noção do indivíduo portador de uma identidade fixa deu lugar posteriormente à perspectiva de sujeito sociológico, que começava a considerar que a complexidade do mundo moderno afetava decisivamente a composição da pessoa em relação a outros significantes. Assim, os estudos culturais classificam que a identidade nessa época se formava na interação entre o indivíduo e a sociedade na qual ele estava inserido.

Depois, o segundo, de acordo com Hall surge a ideia de sujeito pós-moderno. Profundamente marcado pela liquidez dos novos tempos, como também afirma Bauman (2001), inserido em um mundo fluido, de rápidas e constantes transformações, também a identidade desse indivíduo passa a ser fluida, porosa e de difícil delimitação.

As concepções identitárias passam a se definir como múltiplas e multifacetadas. Diferente da tradição, quando a identidade era assegurada pelo grupo, agora ela é uma questão pessoal e subjetiva que passa pelas escolhas individuais. A perspectiva de construto da identidade floresce em detrimento do caráter essencialista outrora dado a ela. Assim, a identidade deixa de ser algo dado com o nascimento e passa a ser conceituada como algo em constante construção e transformação.

E assim, como num baile de máscaras ou tradicional carnaval, o indivíduo troca de identidade como quem troca de roupa, transitando facilmente entre uma imensa gama de opções existentes para apresentação de um “eu”, a internet passa a ser um espaço em que diversos modelos de sujeitos, vida privada e posicionamento são ofertados ao público.

Para o indivíduo, o espaço público não é muito mais que uma tela gigante em que as aflições privadas são projetadas sem cessar, sem deixarem de ser privadas ou adquirem novas qualidades coletivas no processo da ampliação: o espaço público é onde se faz a confissão dos segredos e intimidades privadas. Os indivíduos retornam de suas excursões diárias ao espaço “público reforçados em sua individualidade de

jure e tranqüilizados de que modo solitário como levam sua vida é o mesmo de todos os outros “indivíduos como eles”, enquanto – também como eles – dão seus próprios tropeços e sofrem suas (talvez transitórias) derrotas no processo (BAUMAN, 2001, p.54).

As redes sociais de relacionamentos como, *Twitter*, *My Space*, *Linkedin* e principalmente *Facebook*, configuram-se como um cenário amplo em que é permitido divulgar ideias, imagens, fotos; um espaço que se revelou como o mais adequado para falar de identidade. Um espaço onde subjetividades são confrontadas em meios produtos de consumo; identidades, posicionamentos e mercadorias se relacionando aparentemente em um ambiente sem fronteiras para conexões.

O mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominada tudo o que é vivido. E o mundo da mercadoria é assim mostrado como ele é, pois, seu movimento é idêntico ao afastamento dos homens entre si e em relação a tudo que produzem (DEBORD, 1977, p. 28).

A construção das identidades ocorre no espaço do simbólico das redes virtuais. Toda concepção identitária se esboça em forma de representação e no caso das redes virtuais de relacionamento, a representação do indivíduo se dá por meio da publicação do “eu”. O ego se torna uma centralidade na rede, de forma que cada indivíduo se projeta como uma dramatização, na medida em que é uma espécie de processo teatral de representação.

Para Sibilia (2008) as cenas da vida privada, as versões do “eu” estão nas telas interconectadas pela rede mundial de computadores, mostrando a vida de seus autores, verdadeiros novos artistas da era digital.

Uma consideração habitual, quando se examinam esses estranhos costumes novos, é que os sujeitos neles envolvidos “mentem” ao narrar suas vidas na web. Aproveitando vantagens como a possibilidade do anonimato e a felicidade de recursos que oferecem as novas modalidades de mídia interativas, os habitantes desses espaços montariam espetáculos de si mesmos para exibir uma intimidade inventada (SIBILIA, 2008, p. 29).

No ambiente da rede, é dada ao indivíduo a liberdade de se afirmar da forma que quiser, de se representar da maneira que deseja e encontrar nas malhas da rede virtual a solidariedade de grupos que o acolhem em sua tribo.

2. A invenção do “eu” no *Facebook*

Todas as formas de comunicação, e particularmente as que possuem uma dimensão tecnológica, são tão potentes psicologicamente que não apenas modificam o que fazemos, mas também conduzem a construção daquilo que somos. Cada vez mais eficaz e veloz, à medida que passámos do telefone à rádio, da televisão à internet e, hoje, acompanha o ser humano sempre, em quase qualquer lugar, é o caso dos smartphones.

A importância crescente da internet enquanto espaço de comunicação e interação deve-se em grande medida por uma maior interatividade, participação e colaboração por parte dos seus utilizadores, a níveis sem precedentes.



Imagem 1: Pesquisa sobre perfil de usuário do Facebook em 2016. [Infográfico] Facebook Marketing – Dados de 2016 da Maior Rede Social do Mundo. Disponível em: <http://www.allanperon.com.br/facebook-marketing/#ixzz4sOpVto3P>. Acesso em: 13 de setembro de 2017.



Imagem 2: Pesquisa sobre perfil de usuário do Facebook em 2016. [Infográfico] Facebook Marketing – Dados de 2016 da Maior Rede Social do Mundo. Disponível em: <http://www.allanperon.com.br/facebook-marketing/#ixzz4sOpVto3P>. Acesso em: 13 de setembro de 2017.

Para Gasser e Palfrey (2011), na era digital, sua identidade social pode ser descrita pelas pessoas com as quais ela se associa de maneira que são visíveis para os espectadores a qualquer momento, através de conexões em redes sociais. As ações de seus amigos, e suas reputações mutantes, podem afetar sua identidade e sua reputação de tal forma que terceiros podem observá-las. E embora, ela possa mudar rapidamente, muitos aspectos da sua identidade social é o efeito da era digital que faz diminuir a capacidade nossa de controlar a identidade percebida como ela é pelos outros.

Sabemos que nunca como hoje houve tamanha omnipresença da tecnologia na vida das pessoas. E esta omnipresença promove comportamentos distintos, e novas formas de relacionamento social. Como os nossos dispositivos de comunicação estão presentes no nosso cotidiano a qualquer hora, em qualquer lugar, também passamos mais tempo no mundo virtual. Através dos novos dispositivos de comunicação, testemunhamos ocorrências cruciais e íntimas da vida de pessoas em todo o mundo, seja o vídeo de humor, ou tragédia de uma notícia, ou simplesmente uma foto que visualizamos de um amigo na cozinha fazendo uma receita de bolo.

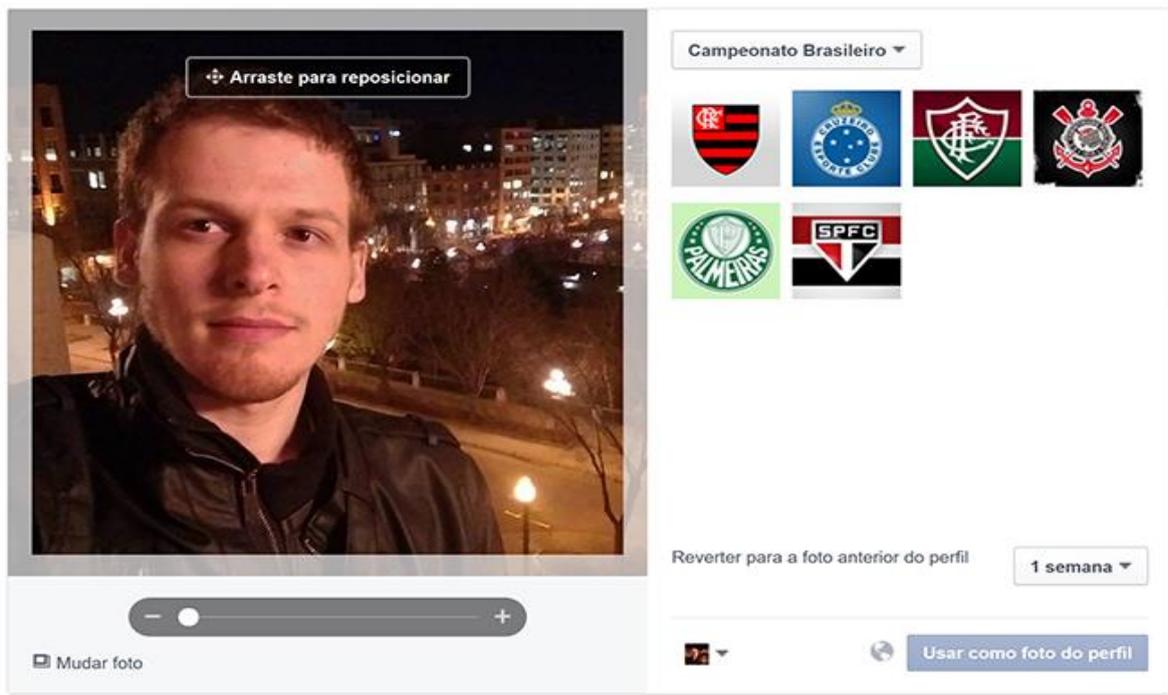


Imagem 3: **Facebook: veja o que mudou no perfil do usuário de 2005 a 2011.** Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2011/09/facebook-veja-o-que-mudou-no-perfil-do-usuario-de-2005-2011.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2017.

Um dos fatos sociais mais representativos dos participantes nas redes sociais são habitualmente identificados pelos seus verdadeiros nomes e com frequência incluem fotografias de si próprios. Como resultado, o seu perfil, a sua rede de ligações, e a interação que produzem nessa rede constituem-se como um quadro importante para a apresentação do “eu”.

Sibilia (2008) afirma que, o “eu” moderno vive um duplo deslocamento das regras de constituição do “eu”, pois a própria reconstrução do passado individual parece perder importância na hora de definir o que cada um é.

Tanto a exibição da intimidade como a espetacularização da personalidade, esse dois fenômenos que hoje proliferam como duas faces de uma mesma moeda, denotam um certo deslocamento dos eixos em torno dos quais as subjetividades modernas se construam. Por um lado, registra-se um abandono daquele lócus interior, em proveito de uma gradativa exteriorização do eu. Por isso, em vez de solicitar a técnica da introspecção, que procura olhar para dentro de si a fim de decifrar o que se é, as novas práticas incitam o gesto oposto: impelem a se mostrar para fora. Complementando essas complexas movimentações, também é possível detectar deslizamentos em outros alicerces da subjetividade: os abalos não concernem apenas

àquele eixo “espacial”, mas também àquilo que poderíamos denominar seu eixo “temporal”. Isto é, o estatuto do passado como outro embasamento crucial do eu moderno (SIBILIA, 2008, p. 115).

A era dita pós-moderna modifica as relações identitárias de tal modo que, se antes o indivíduo convivia com uma única identidade, que geralmente se dava em torno da profissão ou da função familiar da pessoa, na atualidade os indivíduos conseguem conciliar diversas identidades no cotidiano.

Nos seus traços principais, o processo de construção da identidade nas redes sociais pode ser compreendido a partir da descrição que passamos a descrever. Os indivíduos procuram individualizar-se, pela diferença ou pela semelhança, em relação aos restantes participantes, todas as redes sociais disponibilizam um leque de opções para a apresentação do “eu”.

Do mesmo modo que consideramos toda a ação humana como uma representação teatral, contínua por parte de um ator individual, representa um papel perante uma audiência, a qual reage com aprovação ou desaprovação. É os mesmos princípios válidos nestas novas formas de interação desenvolvidas nas redes sociais. Nestas plataformas, o indivíduo encontra espaços onde pode visualizar e gerir tanto a sua rede de contatos como a sua presença pública perante audiências específicas.

O *Facebook* permite, assim, tanto a apresentação do “eu” como as suas ligações sociais; atualiza uma representação da identidade e expõe ao um processo de apreciação dentro de um círculo social.

O usuário também oferece à sua audiência toda uma vasta performance, composta pelos seus gostos e preferências, pelas suas atualizações de “estado” (com comentários originais, frases célebres, videoclips, anúncios, etc.), por recomendações de ligações e pela inclusão de novas fotografias pessoais, entre outros elementos.



Imagem 4: Facebook: veja o que mudou no perfil do usuário de 2005 a 2011. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2011/09/facebook-veja-o-que-mudou-no-perfil-do-usuario-de-2005-2011.html>. Acesso em: 14 de setembro de 2017.

As novas gerações, principalmente os jovens; possuem uma incrível habilidade e nasceram na era digital, que fazem deles usuários ativos se expressam de forma abrangente nas redes sociais. Para Gasser e Palfrey (2011), as conexões são feitas através de buscas de outros usuários com interesse similares, ou podem ser fortalecidas com amigos feitos no mundo real.

Essas contribuições digitais intencionais à identidade – na forma de informações pessoais compartilhadas – são fundamentais para uma identidade emergente do Nativo Digital. Uma garota de 16 anos, dentro dos seus limites, pode moldar sua identidade com cuidado e mudá-la no decorrer do tempo para incorporar mudanças no modo como ela quer ser percebida. Por esses meios, as Nativas Digitais são muito mais propensas do que eram suas avós para compartilhar informações dessa maneira com outras pessoas – tanto amigos quanto pessoas que elas não conhecem – em fóruns públicos da internet (GASSER e PALFREY, 2011, p. 33).

No entanto, apesar da liberdade associada ao indivíduo na condução e na gestão do processo de construção da sua identidade online, essa representação da identidade é afetada de

Revista Gestão em Conhecimento - Volume 01 – Número 01 - Jan/Jun (2018), n 9-28

acordo com as ligações que estabelece, sendo por elas ajustada de um modo contínuo, agregado a quantidade de visualizações e comentários. É, portanto, a identidade um conceito calcado na artificialidade e na convenção socialmente necessária.

De acordo com Sibilia (2008), o modo de vida e os valores privilegiados pelo capitalismo em auge foram primordiais nessa transição do caráter para a personalidade, ao propiciar o desenvolvimento de práticas de autopromoção do “eu”, um verdadeiro mercado de personalidades, no qual a imagem pessoal é o principal valor de troca.

O que temos não é o que podemos chamar de identidade única, mas de identidades ou identidade híbridas de natureza mutáveis. Com uma subjetividade que deseja ser amada e apreciada, e que busca aprovação alheia, e para tanto procura tecer contatos e relações íntimas com os outros. Na verdade, todo esse processo está nas mãos de quem constrói seu próprio “eu”, e que imagem deseja passar. É importante pensar qual relação é realmente prioritária para o indivíduo, o real ou virtual.

Considerações finais:

A natureza da identidade mudou no século XXI. Essas mudanças não afetam somente os jovens, mas todos que vivem numa sociedade que está conectada a internet. Dessa forma, a identidade de qualquer pessoa é compreendida através de uma combinação do que ela expressa no mundo real e o que ela constrói e diz no espaço virtual. A identidade passou a ser moldado por uma encenação e pelo que as pessoas com quem está ligada dizem e fazem.

Assim entendido, o *Facebook* apresenta-se como espaço que torna possível o exercício de representações do “eu”, na medida em que tanto a sua estrutura como o seu desenho de interação se prestam a novas e diversas formas de sociabilidade, desde a simples criação e manutenção de vínculos com outros indivíduos ou formas de manifestação pública complexas e potentes do “eu”. Uma das marcas identificadas nestes modos de expressão é a abundância de comportamentos narcisistas na concepção e representação da identidade.

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1977.

GASSER, Urs; PALFREY, John. **Nascidos na Era Digital**. Porto Alegre: Editora Grupo A, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

Abstract: This article aims to make considerations regarding the identities presented in social networks, taking as object to analyze the construction of the "I" from the posts that users make available on the social network Facebook, a lavish environment in signs that seek to make sense to the virtual environment, distinguishing it from the real. To this end, we have used the theories of identity and postmodernity of Stuart Hall, Bauman, Guy Debord and Paula Sibilia. Facebook, the most accessed social network in the world, has now consolidated itself as an expressive communication channel, hosting the negotiation of identities and building perceptions.

Keywords: identity; intimacy; social networks.

Aprovado em 25/11/2017
Parecer dado em 08/12/2017